



## A construção ficcional do trabalho análogo à escravidão no romance “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior

DOI : <https://doi.org/10.56798/RGC-10-2022-06>

Cleita Machado Santos<sup>1</sup>  
Cíntia Acosta Kütter<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal Rural da Amazônia.

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural da Amazônia e do PPGL da Universidade Federal da Paraíba.

**RESUMO:** A escravidão no Brasil teve início na primeira metade do século XVI e mesmo após o fim da escravidão, garantida por lei, muitos escravizados ao se verem libertos ficaram sem saber o que fazer com a sua nova condição, visto que não houve ajuda por parte das autoridades da época, o que fez com que muitos voltassem para a terra de seus ex-patrões para pedir trabalho. Em nosso país, infelizmente, muitos ainda são os casos de trabalho análogo à escravidão. Diante da relevância do assunto e da importância do romance de Vieira Junior para a literatura contemporânea, o presente trabalho tem como objetivo analisar a construção ficcional do trabalho análogo à escravidão. Além de pensar a construção de personagens mulheres negras no romance Torto arado (2019) e discutir a construção ficcional da obra a partir da Literatura Negra. Este estudo pode ser classificado como exploratório e bibliográfico, e embasa-se nos pressupostos teóricos de Bernd (1988), Bauman (2001), Hall (2014), Evaristo (2004), Perrot (2010), Ribeiro (2017), Duarte (2008), Zolin (2010), dentre outros. O romance Torto arado explora, entre outras temáticas, o trabalho análogo à escravidão, principal viés de análise, que pode ser constatado em diversos excertos que discutem e problematizam essa questão. Mas ainda circula pelo cenário onde há a representação de mulheres negras fortes e donas de seu próprio caminho, que apesar do destino e da situação de vida, rebelam-se e decidem não aceitar mais as imposições feitas por serem mulheres negras em uma situação análoga à escravidão, retratadas por Bibiana e Belonísia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Negra; trabalho análogo à escravidão; representação feminina.

**ABSTRACT:** Slavery in Brazil began in the first half of the 16th century and even after the end of slavery, guaranteed by law, many enslaved people, when they found themselves freed, did not know what to do with their new condition, since there was no help from the women authorities at the time, which caused many to return to their former bosses' land to ask for work. In our country, unfortunately, there are still many cases of work analogous to slavery. Given the relevance of the subject and the importance of Vieira Junior's novel for contemporary literature, this paper aims to analyze the fictional construction of work analogous to slavery. In addition to thinking about the construction of black women characters in the novel Torto arado (2019) and discussing the fictional construction of the work from Black Literature. This study can be classified as exploratory and bibliographic, and is based on the theoretical assumptions of Bernd (1988), Bauman (2001), Hall (2014), Evaristo (2004), Perrot (2010), Ribeiro (2017), Duarte (2008), Zolin (2010), among others. The novel Torto arado explores, among other themes, work analogous to slavery, the main analysis bias, which can be seen in several excerpts that discuss and problematize this issue. But it still circulates around the scene where there is a representation of strong black women who own their own path, who, despite their fate and life situation, rebel and decide not to accept any more the impositions made for being black women in a situation analogous to the one slavery, portrayed by Bibiana and Belonísia.

**KEYWORDS:** Black Literature; work analogous to slavery; female representation.

## Introdução

“O sangue do passado corre feito um rio. Corre nos sonhos, primeiro. Depois chega galopando, como se andasse a cavalo.” (Vieira Junior).

A escravidão no Brasil teve início na primeira metade do século XVI, período esse que se caracteriza pela presença dos navios negreiros, onde mulheres e homens viviam em condições desumanas. Mesmo após o fim da escravidão, garantida pela assinatura da Lei Aurea, muitos escravizados ao se verem libertos ficaram sem saber o que fazer com a sua nova condição, pois não houve ajuda por parte das autoridades da época, fazendo com que muitos voltassem para a terra de seus ex-patrões em busca de trabalho. Com o passar dos anos, os negros escravizados, que ainda sofrem com essas cicatrizes culturais, carregam resquícios desse período histórico na sociedade escravista brasileira. No Brasil, infelizmente, muitos ainda são os casos de trabalho análogo à escravidão, apresentando os resquícios que anos de processo de escravização deixaram sobre nós, sendo um grande aliado na desigualdade social presente nos dias de hoje.

Assim, o presente trabalho destina-se a pesquisa referente à construção ficcional do trabalho análogo à escravidão a partir da análise do romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019. Itamar Vieira Junior nasceu em Salvador, em 1979. Estudou geografia na graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo o primeiro aluno receptor da Bolsa Milton Santos, dedicado para jovens negros de baixa renda. Formou-se em geografia e concluiu mestrado. É doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia com estudo sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste.

*Torto arado*, apesar de ter sido lançado há apenas três anos, já foi vencedor de importantes prêmios literários, como: *Oceanos e Jabuti*, inserindo o jovem autor na novíssima geração da literatura brasileira contemporânea. O romance se apresenta em três partes: *Fio de corte*, narrado pela personagem Bibiana; *Torto arado*, relatado por Belonísia, e por último, *Rio de sangue*, descrito por um espírito não nomeado. A narrativa é baseada na vida das duas irmãs protagonistas, Bibiana e Belonísia, que ao longo da narrativa são unidas por laços que vão além da ligação familiar, pois quando crianças foram surpreendidas por um trágico acidente que as uniria para o resto de suas vidas.

A história, para além das protagonistas, retrata as

vivências de famílias negras em uma fazenda, propriedade da família Peixoto. As pessoas que moravam ali eram submetidas a uma jornada de trabalho análoga à escravidão. Visto que não recebiam nenhum tipo de remuneração pelos serviços prestados, tendo “direito” apenas a um pedaço de terra onde lhes era permitido construir uma casa de barro em uma parte do terreno destinado a plantação de alimentos para sua própria subsistência. Além disso, podemos perceber de que forma a temática proposta por Itamar Vieira Junior deve ser lida e discutida nos dias de hoje, em especial, sob a perspectiva do trabalho análogo à escravidão. Além de questões que permeiam uma discussão sobre os direitos dos moradores a terra, que por tanto tempo cultivaram aquelas terras e não tiveram o reconhecimento devido de seus direitos enquanto pessoas livres e com direito a terra.

Deste modo, como retratado na obra, pode-se dizer que mesmo com novas fronteiras agrícolas desbravadas no século XX, o poder dos latifundiários ainda se faz presente na atualidade. Dessa maneira, famílias se deslocaram em busca de empregos e oportunidades de uma vida melhor. Nos dias de hoje, o agronegócio tornou-se uma realidade, as terras conquistadas tornaram-se, em grande parte, propriedade de fazendeiros que não contradizem a herança brasileira do latifúndio. Com isso a escravidão moderna persiste e com ele o trabalho análogo é uma verdade no Brasil contemporâneo. (SILVA; MAGALHÃES; DUTRA, 2019).

Diante da relevância do assunto e da importância do romance de Vieira Junior para a literatura contemporânea, o presente trabalho tem como objetivo analisar a construção ficcional do trabalho análogo à escravidão. Assim como buscará analisar a construção das personagens femininas negras no romance *Torto arado* e discutir a construção ficcional da obra a partir da Literatura Negra. Este estudo pode ser classificado como exploratório e bibliográfico, onde se utilizou como base de pesquisa: dissertações, livros, artigos e periódicos que abordassem a temática em questão. Para tal, esse será dividido em seções, sendo elas: Literatura pós-moderna; A representação da figura feminina e a Literatura Negra; Trabalho análogo à escravidão; Diálogo com a Obra e considerações finais.

A obra de Itamar Vieira Junior, como supracitado, apresenta discussões importantes sobre o trabalho análogo à escravidão e direitos humanos. Deste modo, refletir sobre essas temáticas, infelizmente ainda presentes no século XXI, é de suma importância para a sociedade. Com

este trabalho, pretendemos ampliar o banco de dados na área, a fim de contribuir para os estudos de literatura brasileira contemporânea, assim como colaborar com os estudos recentes sobre a obra.

Portanto, no romance, percebemos que as marcas históricas e atuais da realidade, da maioria das pessoas negras presentes na sociedade brasileira, ainda preponderam. Ademais, percebemos o quão diversa é a relação entre as diversas temáticas, como por exemplo, a representação da figura feminina, mas, sobretudo em relação ao trabalho análogo. Visto que, com base em nossa análise, tentaremos evidenciar a construção ficcional dessa mazela que causou (e ainda causa) diversos prejuízos, a nossa sociedade, os quais ainda preponderam nos dias atuais.

## A construção ficcional

Na primeira parte do romance *Torto arado*, podemos verificar o contado sobre o acidente ocorrido com as personagens principais, Bibiana e Belonísia, onde elas, ainda meninas e muito curiosas, mexem em uma mala velha que fica embaixo da cama de sua avó, Donana. Ao encontrarem uma faca, ambas a põem na boca e acabaram se ferindo, uma com menos gravidade que a outra. Bibiana narra de maneira ambígua, sempre deixando o leitor em dúvida se foi ela ou a irmã Belonísia que perdera a língua. Mas, há um fato que a narradora da primeira parte faz questão de deixar claro: a união que seria sucedida dali em diante, onde uma se comunicaria por meio da outra, estabelecendo desta forma, uma relação de sororidade e um pacto silencioso entre as irmãs.

As meninas, apesar do trágico acidente, crescem como qualquer outra criança de sua idade que morava na região, brincavam após ajudar seus pais nas atividades da fazenda, faziam bonecas com sabugo de milho e se divertiam espantando pragas das plantações. No entanto, chegando à mocidade se depararam com algo que iria mudar em parte a ligação que ambas tinham até então: a chegada do primo Severo com seus pais e irmãos na fazenda “Água Negra”, fato esse que desencadeou nas duas irmãs um encantamento pelo jovem que acabara de chegar.

Por conseguinte, Bibiana vê sua irmã embaixo de uma árvore com o primo Severo, mas devido à escuridão não consegue descobrir o que eles faziam ali fora sozinhos. Porém, mesmo sem saber o que de fato ocorreu

entre eles, conta para sua mãe, Salu, que os tinha visto “aos beijos”, intriga essa que ocasionou a punição da sua irmã com uma surra, que ficou um bom tempo chateada com sua irmã. Dona Salu, percebendo a briga entre as duas, cuidou de repreender as duas. No entanto, mesmo com os conselhos da mãe, as duas só voltaram a se falar quando Bibiana furou seu pé durante uma pescaria e Belonísia a partir de então se disponibilizou a ajudá-la. A partir de então, aos poucos o desentendimento foi desaparecendo e a mãe cuidou para que o pai, Zeca Chapéu Grande não soubesse do ocorrido, e também que as filhas mantivessem distância segura do primo.

Após um tempo, a mãe das meninas ficou doente e impossibilitada de ir até a feira vender suas mercadorias colhidas na lida diária do trabalho da família. Belonísia permaneceu na casa para cuidar de sua mãe, enquanto Bibiana ia vender parte da colheita na feira, tendo em visto que, a outra metade era destinada aos donos da fazenda. No caminho, seu primo Severo, quem há muito tempo não tinha uma conversa, exceto alguns cumprimentos rápidos nas festividades de jerê, se ofereceu para acompanhá-la. Desde então os dois se aproximaram e viveram um romance escondido dos pais, pois segundo as crenças de seu povo, um relacionamento entre primos não era coisa boa, podendo gerar herdeiros com algum problema.

O relacionamento proibido entre Bibiana e Severo fez com que as irmãs se afastassem novamente, pois Bibiana sempre preferia sair sozinha para a colheita com o objetivo de encontrar o primo, ao invés de levar Belonísia como de costume. Como consequência dos encontros às escondidas, Bibiana engravidou. Severo, um jovem sonhador e cansado do trabalho árduo e nada justo da fazenda, sugere a sua prima que fugissem dali em busca de uma vida melhor, onde eles poderiam ser donos de suas próprias terras e prometendo que um dia voltariam para buscar suas famílias e libertá-los do trabalho escravo que viviam.

Apesar de ponderar algumas vezes, Bibiana decide ir com Severo, visto que não aguentava mais a incerteza que vivia junto à família, principalmente a escassez de alimento que se criou em um determinado tempo em “Água Negra” em virtude da longa estiagem. Em uma noite, ela pega seus poucos pertences e os põe em uma bolsa velha de sua falecida avó Donana e parte com a certeza de que voltaria para levar sua família. Além disso, nas últimas páginas desse capítulo a narradora-personagem revela ao leitor quem foi ela quem perdeu a

língua naquele terrível acidente.

Na segunda parte do romance, intitulado *Torto arado* a narrativa é contada a partir da perspectiva da irmã Belonísia, a irmã que dependia da Bibiana para se comunicar e que agora se via diante de um silêncio total, pois sua companheira havia partido e levado consigo o órgão que ambas partilhavam como se fosse único.

Belonísia retrata sua experiência na escola, a qual foi construída com a ajuda dos encantados, os quais se utilizam do corpo de seu pai, Zeca Chapéu Grande, um curandeiro e pai espiritual de toda "Água Negra". Suas vivências no ambiente escolar não foram as melhores, apesar dos esforços de seu pai para convencer o prefeito a construir uma escola. Ela não via sentido em continuar frequentando um lugar onde só se ensinava coisas que não lhe seria úteis, preferindo, portanto, ajudar seu pai nos afazeres da fazenda. Afinal, graças à ajuda da mãe e da irmã que fora embora, ela já sabia ler e assinar o nome.

Assim, ao passar do tempo, um homem chamado Tobias pediu para seu pai permissão para se juntar com ela, Zeca Chapéu Grande lhe contou sobre a proposta, e Belonísia aceitou, pois queria experimentar o mesmo que sua irmã. Ao chegar à casa de Tobias, se deparou com um lugar sujo e mal cuidado, mas estava disposta a fazer de lá seu lar. Um dia arrumando a bagunça da casa achou a faca que anos atrás havia decepado sua língua, ela resolveu não devolver a ele, afinal a faca pertencia a sua família então guardou-a.

Como de costume, ela fazia seus afazeres em sua casa, fechava e ia para a casa dos pais visitá-los, chegando lá depara-se com sua irmã Bibiana, que havia regressado. Belonísia conheceu seu sobrinho e escutou um pouco sobre as aventuras de sua irmã e do primo, agora já mais maduros, apesar do pouco tempo transcorrido. Bibiana, Severo e o filho foram embora novamente, mas prometeram regressar assim que possível.

No começo, Tobias tratava bem a esposa, mas com o passar dos dias ele foi começando a reclamar de tudo, da comida, das coisas fora do lugar, inclusive levantou a mão para lhe bater, mas Belonísia apenas com o olhar o enfrentou e o ato de agressão prestes a acontecer não se concretizou. Tobias, em um certo, dia morre e a personagem segue sua vida sozinha e mais corajosa do que antes.

Bibiana e Severo voltam de vez para Água Negra com mais uma filha, além do menino que já tinham.

Nesse mesmo tempo, o pai delas, já cansado do trabalho da fazenda, das consultas como curandeiro, de religioso e parteiro (legado deixado por sua mãe Donana) se vê enfermo e bastante debilitado. Sua morte causou comoção em toda a fazenda, em seu velório vieram pessoas de todas as localidades, fossem próximas ou longínquas. Com a morte do homem mais respeitado, seus filhos e filhas, mulher e netos se viram diante de uma situação onde o principal esteio da família havia partido, cabendo a eles, dar continuidade a vida sozinhos dali em diante.

## **Um esboço das mulheres negras: o romance como denúncia**

O *Torto arado*, mais do que o título desta obra, representa uma ferramenta agrícola arcaica e obsoleta, que simboliza a persistência do passado colonial e os traços indelévels e elétricos da escravidão, fundamentos da formação da Sociedade e do Estado brasileiro, seus males e desigualdades. Assim, apesar de uma nova onda de publicações voltadas para a representatividade dos negros, pouco ou quase nada é explorado sobre as mulheres negras, ou quando abordadas, geralmente são analisadas a partir uma perspectiva estereotipada (DAVIS, 2016).

Para Perrot (2010) as mulheres sofrem uma invisibilidade, principalmente, quando nos remetemos à ciência, tecnologia e política. Nesse sentido, a crítica indiana Gayatri Spivak (2010) aponta que, o lugar tradicionalmente reservado às mulheres na sociedade, e ao mesmo tempo legitimado na literatura pelo discurso hegemônico, é o silêncio. Assim, ao analisarmos o quantitativo de mulheres que aparecem na história, percebe-se que quando ocorre uma exceção, ela aparece como coadjuvante, digo, coadjuvante aos homens que fizeram o conhecimento histórico, elas aparecem apenas como as auxiliares para o que eles precisam. Portanto, compreender que no processo histórico muitas mulheres contribuíram para o trabalho social é de suma importância.

Nesse viés, analisar o papel da mulher em qualquer sociedade é um fato que nos leva a entender que muitos dos atributos e das atribuições da mulher foram criações e demarcações feitas no interesse de sua invisibilidade. Deste modo, reconhecer a força e a contribuição das mulheres nas ciências, artes, política e outros setores sociais abriria espaço para que as mulheres conquistassem direitos reconhecidos que até então eram apenas conquistas masculinas. Assim, a figura feminina emerge em diferentes contextos a partir dos traços de uma

perspectiva de outra pessoa. Ao longo de nossa trajetória histórica e discursiva, o feminino germina a sombra do patriarcado, que define seus contornos, muitas vezes demarcados de forma restritiva, distorcida, subjugada e até degradante. Em outras ocasiões, mesmo de uma perspectiva aparentemente mais positiva, o feminino emerge como algo frágil ou poderoso, mas sempre dependente da palavra e das percepções masculinas.

Assim, destacamos a importância do romance *Torto arado*, visto que temos a representação de mulheres negras fortes e donas de seu próprio caminho, que apesar do destino e da situação de vida, rebelaram-se e decidem não aceitar mais as imposições feitas por serem mulheres negras em uma situação análoga à escravidão.

Por conseguinte, ao referirmo-nos a LN, Ferreira (2019) pontua que esta surge com nuances nunca vistas antes, pois é uma escrita de muitas vozes, saberes e passados. Deste modo, consiste não só na memória do escritor, mas de muitos outros, visto que se manifesta na memória coletiva de um povo, muitas vezes relegado ao nada, ao esquecimento e que, diante de sua nova literatura, tem a possibilidade de professar sua fé, sua cultura, sua luta e sua voz, em voz alta. Em *Torto arado*, conseguimos enxergar essas vozes, tornando-a uma obra polifônica, marcada pelas narrativas das irmãs Bibiana e Belonísia e uma entidade encantada. São, portanto, vozes femininas expressando memórias coletivas e conflitantes como reflexos de desigualdades raciais, sociais, gênero que evocam a resistência ancestral do povo quilombola, suas lutas e laços com a terra.

Dentro desse contexto, a personagem Bibiana, irmã de Belonísia, merece destaque, pois desde cedo sempre teve consciência do sistema exploratório no qual ela e a família estavam inseridos. Essa consciência fez com que desejasse buscar novas oportunidades, sentimento esse, que com a aproximação do seu primo Severo, apenas se fortaleceu, pois,

Não queria também viver o resto da vida ali, ter a vida dos meus pais. Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa, nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences. se não pudéssemos trabalhar, seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro pra mim. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 83).

Assim, por meio de Bibiana observamos um traço importante da LN: a mulher negra sendo retratada como sujeito ativo que desenha sua própria história, que sente

orgulho do seu passado e controla seu destino. Desta maneira, a LN vai trabalhar para fazer essa reescritura.

Bibiana, portanto, vai embora com Severo e conseguem um abrigo em outra fazenda, local onde trabalham e têm filhos. A personagem continua seus estudos e torna-se professora enquanto Severo integra um grupo do sindicato. Após algum tempo, ambos voltam para Água Negra, onde Bibiana passa a dar aula para as crianças do povoado e após a morte de Zeca Chapéu Grande Severo assume o papel de líder dos trabalhadores da fazenda, fato esse O transforma em alvo de desentendimentos com os donos da propriedade onde viviam.

Severo morre assassinato e Bibiana se vê em uma situação difícil, porque acaba de perder o pai, em seguida fica viúva com dois filhos. Mas isso não a detém, como uma mulher forte e que cresceu em um ambiente que lhe preparou para as situações mais difíceis da vida, Bibiana assume o lugar do marido frente a busca dos seus direitos e de todas aquelas pessoas que ali moravam naquela situação de exploração.

Durante toda sua vida, Bibiana havia visto o pai organizando as empreitadas de trabalho ou conduzindo a assistência na cerimônia de Jarê. Nunca imaginou, entretanto, que aquela incumbência de falar ao povo da fazenda recairia sobre seus ombros. Até mesmo porque Severo era quem vinha falando aos moradores... agora se percebia exposta a violência do atentado, à mentira que tentavam difundir para desmoralizar de vez o povo de Água Negra. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 218).

Por sua vez, Belonísia, apesar de ser tida como a irmã mais conformada com a realidade em que vive, sofre uma transformação que a tornou em uma mulher corajosa e destemida, capaz de enfrentar um homem covarde, que violentava fisicamente a própria esposa. Por ser vizinha do casal, sempre ouvia quando ele batia nela. Certa vez, Maria (a mulher agredida) foi buscar socorro na casa da vizinha que, desde esse dia passou a sentir o dever de proteger aquela mulher, pois apesar de Tobias não lhe bater, ela sabia bem o que era se sentir assustada e acuada.

Certa vez, Belonísia cansada de ver Maria com marcas de agressões pelo corpo e os seus filhos assustados, resolveu ir até a casa da mulher e esperar o homem para tirar satisfação com ele. O marido de Maria não queria que ela entrasse, mas entrou mesmo assim e vendo o desespero de Maria, colocou a lâmina da faca que tinha guardada no rosto do homem, ato que Belonísia jamais pensaria ou teria coragem quando vivia com Tobias, mas após sua morte,

após cair do cavalo por estar bêbado, ela percebe a necessidade de defender a si e aquelas que necessitarem.

Vale ressaltar que no Brasil temos a lei Maria da Penha, que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, visto que nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, trata-se da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas; II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação. Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual. Art. 6º A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos. (BRASIL, 2006, p. 01).

Deste modo, ainda que tardiamente, nesses 16 anos a Lei Maria da Penha estabeleceu medidas de assistência e proteção. Sendo, portanto, condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, segurança, saúde, alimentação, educação, cultura, moradia, ao acesso à justiça, esporte, lazer, trabalho, à cidadania, liberdade, dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, como chave de uma luta social que ainda não cessou.

Destarte, na obra percebemos como as vivências das mulheres negras descendentes de escravizados são retratadas em um sistema precário de trabalho no campo. Como afirma Angela Davis “essas mulheres podem ter aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão” (2016, p. 30). Portanto, mulheres como Bibiana e Belonísia, apesar de representarem papéis femininos diferentes, conseguem transmitir a força da mulher negra nos tempos difíceis da exploração.

## O trabalho análogo à escravidão no sertão baiano.

A escravidão no Brasil teve início na primeira metade do século XVI, período esse que se caracteriza pela presença dos navios negreiros, onde mulheres e homens viviam em condições desumanas. Haja vista, que mesmo após as longas viagens, onde muitos morriam, e/ou eram submetidos a jornadas de trabalhos sobre-humanos do amanhecer ao anoitecer nas fazendas ou nos centros urbanos como escravos.

Algumas leis foram criadas para garantir os direitos dos escravos, sendo elas: a Lei Eusébio de Queirós (1858), que tinha por objetivo colocar um fim definitivo no tráfico de escravos; a Lei dos Sexagenários (1855), que consistia na libertação dos escravos acima dos 60 anos de idade; a Lei do Ventre Livre (1871), que garantia liberdade aos filhos de escravos nascidos após a promulgação da lei e sendo maiores de idade. Por fim, a Lei Áurea (Lei n. 3.353), publicada em 1888, que teve como objetivo a abolição definitiva da escravidão no Brasil.

Porém, mesmo com o fim da escravidão sendo garantida por lei, muitos escravizados ao se verem libertos ficaram sem saber o que fazer com a sua nova condição, pois não houve ajuda por parte das autoridades da época, o que fez com que muitos voltassem para a terra de seus ex-patrões para pedir trabalho. No entanto, o máximo que eles conseguiam era dar continuidade ao processo exploratório imposto pelos donos das fazendas, mesmo havendo a promessa de “condições de trabalho diferentes” das vivenciadas anteriormente, ainda se tratava dos mesmos trabalhos desempenhados dos tempos de escravidão.

O romance *Torto arado* explora, entre outras temáticas, o trabalho análogo à escravidão, como já apontado anteriormente, fato esse, que pode ser constatado em diversos excertos que discutem e problematizam essa questão. A família de Bibiana e Belonísia mora em uma fazenda, na qual trabalham como “empregados” para o dono da propriedade, cuidando das plantações e demais atividades. No entanto, eles não recebem nenhum salário como retribuição pelas atividades laborais exaustivas, tendo direito apenas a um pequeno pedaço de terra para plantação de grãos e legumes básicos para sua própria alimentação, além de não poderem construir casas fixas (alvenaria) nas terras do fazendeiro.

No trabalho análogo à escravidão o homem não é propriedade de outro, ao contrário da escravização no Brasil colonial e imperial, que o rebaixa. Para Casaldáliga

(1971) agora a escravidão é mais sofisticada tornou-se mais cruel, e dessa forma, os trabalhadores são, em muitos casos, desrespeitados em termos de dignidade humana, pois como trabalhadores livres, sujeitos de deveres e direitos, são relegados a uma condição análoga daqueles que viviam em regime de escravização em séculos anteriores. Com isso, tendo em vista o exposto e tendo por base a leitura do romance *Torto arado*, entende-se que muitas desses aspectos apontados em lei sobre o que vem a ser o trabalho análogo à escravidão estão presentes ao longo da narrativa.

Podemos tomar como ponto de partida os relatos sobre a chegada do pai de Bibiana e Belonísia na fazenda Água Negra, onde fica claro o sistema de servidão existente naquele lugar a partir das condições impostas a Zeca Chapéu Grande para que pudesse morar naquelas terras:

Em troca, poderia se construir uma tapera de barro e taboa, que se desfizesse com o tempo, com a chuva e com o sol forte. Que essa morada nunca fosse um bem durável que atraísse a cobiça dos herdeiros. Que essa casa fosse desfeita de forma fácil se necessário. Podem trabalhar - contavam nas suas romarias pelo chão de Caxangá -, podem trabalhar, mas a terra é dessa família por direito. Os donos da terra eram conhecidos desde a lei de terras do império, não havia o que contestar. Quem chegasse era forasteiro, poderia ocupar, plantar e fazer da terra sua morada. Poderia cercar seu quintal e fazer roça nas várzeaS nas horas vagas. Poderia comer e viver da terra, mas deveria obediência e gratidão aos senhores. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 183).

Nessa passagem do romance, percebemos a exploração que os donos da fazenda “Água Negra” fazem com as famílias que ali moram, pois além de não pagarem salário, explorar a mão de obra dos “trabalhadores” em suas plantações, ainda usufruem da colheita de suas famílias, a qual é sua única fonte de alimentação.

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era pra isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. [...] Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41)

Outro Bibiana e Belonísia quando crianças adoravam brincar, uma de suas diversões era escutar as conversas de adultos, e é a partir do relato de uma dessas “traquinagens” das meninas que o leitor se depara com o seguinte excerto:

Eu e Belonísia ouvíamos a conversa das filhas de dona Carmeniuzza e dona Tonha. Elas falavam da visita dos patrões às roças da fazenda. Queriam saber se eles haviam chegado por aqui, se tinham levado as batatas do nosso quintal também. “Mas as batatas do nosso quintal não são deles”, alguém dizia, “eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores” [...]. (VIEIRA JUNIOR, 2019, P. 45)

Outro ponto importante, que caracteriza o trabalho análogo à escravidão no romance, é a vigilância que os donos da fazenda colocavam no local de trabalho para coagir os trabalhadores de Água Negra, como é o caso do capataz Sutério, o qual toda semana passava nas casas das famílias para fazer a arrecadação dos melhores grãos e legumes das plantações familiares para seu patrão

Com o passar do tempo, a família que até então era dona da fazenda Água negra, resolveu vender suas terras para outro fazendeiro, pois os filhos do dono das terras após a morte do pai, não se interessavam mais pelos negócios. O novo dono da fazenda, não difere muito do antigo proprietário, no que tange a questão do regime trabalhista existente até então naquelas terras, e por sua vez continuou a explorar os trabalhadores, porém de maneira diferente, como se pode observar no trecho a seguir:

Aos poucos, foi chegando, como um benfeitor, dizendo que nada iria mudar. Se mostrava solidário, levando um ou outro para a cidade em seus carros se precisava de médico, propagando aos quatro ventos como era bom aos seus trabalhadores. Depois montou um barracão de mantimentos, resolveu criar porcos, e quem estivesse disposto a trabalhar teria direito a salário, que as pessoas nunca receberam de fato. Os dias de trabalho eram pagos com a retirada de mercadorias e, ao sair de lá, os moradores terminavam deixando uma dívida maior do que o pagamento que tinham a receber. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 197).

Com isso conseguimos perceber que mesmo alguns anos após a abolição, a maioria dos libertos não conseguiam ser totalmente livres, pois faltavam-lhes alternativas, nessas circunstâncias se viam em um ciclo sem fim de exploração e trabalho degradante.

Meu povo seguiu rumando de um canto para o outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudessem plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204).

Nessa parte do romance narrado pelo "encantado" ele fala sobre como seu povo vagava pelas terras em busca de um local para morar e de como os donos de fazendas agiam para eles acreditarem que deveriam ser gratos pelo pouco que lhes davam. Silva, Magalhães e Dutra (2019) destacam que, mesmo com novas fronteiras agrícolas desbravadas no século XX, o poder dos latifundiários ainda se faz presente na atualidade. Dessa maneira, famílias se deslocaram em busca de empregos e oportunidades de uma vida melhor. Hoje, o agronegócio é uma realidade, as terras conquistadas tornaram-se, em grande parte, propriedade de fazendeiros que não contradizem a herança brasileira do latifúndio. A escravidão moderna persiste e o trabalho análogo ao escravo é uma verdade no Brasil contemporâneo.

O romance *Torto arado* explora, entre outras temáticas, o trabalho análogo à escravidão, que pode ser constatado em diversos excertos que discutem e problematizam essa questão. A família de Bibiana e Belonísia mora em uma fazenda, na qual trabalham como "empregados" para o dono da propriedade, cuidando das plantações e demais atividades, no entanto, eles não recebem nenhum salário como retribuição dessas atividades exaustivas, tendo direito apenas a um pequeno pedaço de terra para plantação de grãos e legumes básicos para sua própria alimentação, além de não poderem construir casas fixas (tijolos) nas terras do fazendeiro.

Deste modo, percebe-se a exploração que os donos da fazenda "Água Negra" fazem com as famílias que ali moram, pois além de não pagarem salário, explorar a mão de obra dos "trabalhadores" em suas plantações, ainda usufruem da colheita de suas famílias, a qual é sua única fonte de alimentação.

Vale ressaltar que, o *torto arado*, representa uma ferramenta agrícola arcaica e obsoleta que simboliza a persistência do passado colonial e os traços indelévels e elétricos da escravidão, fundamentos da formação da Sociedade e do Estado brasileiro, seus males e

desigualdades. Assim, como mencionado, apesar de uma nova onda de publicações voltadas para a representatividade dos negros, pouco ou quase nada é explorado sobre as mulheres negras, ou quando abordadas, geralmente são analisadas a partir uma perspectiva estereotipada. Assim, destacamos a importância do romance *Torto arado*, visto que temos a representação de mulheres negras fortes e donas de seu próprio caminho, que apesar do destino e da situação de vida, rebelaram-se e decidem não aceitar mais as imposições feitas por serem mulheres negras em uma situação análoga à escravidão.

Em *Torto arado*, podemos verificar a presença dessas vozes, tornando-a uma obra polifônica, marcada pelas narrativas. Portanto, mulheres como Bibiana e Belonísia, apesar de representarem papéis femininos diferentes, conseguem transmitir a força da mulher negra nos tempos difíceis da exploração, sendo vozes femininas expressando memórias coletivas e conflitantes de desigualdades raciais, sociais, gênero e evocando a resistência ancestral do povo quilombola, suas lutas e laços com a terra. Dessa forma, verificamos que o romance de Itamar Vieira Junior compõe o quadro da nova literatura brasileira contemporânea, que busca discutir questões aparentemente resolvidas no processo civilizatório brasileiro, mas infelizmente ainda permeiam nossa sociedade. *Torto arado* promove ao leitor uma grande reflexão sobre os problemas de cunho escravocrata, presentes na época imperial, e que deveriam ter acabado, mas infelizmente as sementes plantadas nesse período são colhidas hoje com os nomes de racismo, intolerância religiosa ou racial, resultando no trabalho análogo a escravidão.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BEZERRA, Simone Maria. **Escrevivência: escrita, identidade e o eu feminino negro**. Serra Talhada, 2019. Disponível em: [https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/1299/1/tcc\\_simonemariabezerra.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/1299/1/tcc_simonemariabezerra.pdf) Acesso em: 07 out. 2022.
- BRASIL. **Projeto de Lei nº 3.842/2012**. Dispõe sobre o conceito de trabalho análogo ao de escravo. Altera o Decreto-lei <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramita>

cao?idProposicao=544185nº 2.848, de 1940. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=544185>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBONA, Larissa Luiza; DUARTE, Odair. **Trabalho análogo ao de escravo**. 5º Simpósio de Acessibilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais, 2017.

Disponível em:

<https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/594c14878d392.pdf> Acesso em: 07 out. 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Liteafro, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira> Acesso: 20 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.54.

FARIAS, Rejane Maria da Silva; ARAGÃO, Tatiana Carla Rabelo Menezes. **Silenciados da história**: como a mulher aparece na sociedade francesa da revolução a primeira guerra mundial. V CONEDU, 2018.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. **Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea**. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/65/79> Acesso em: 16 de set. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra. 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **A história das mulheres e as representações do feminino na história**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/hmjvW49H4tDLhzBnhVn5rTM/?lang=pt> Acesso em: 07 out. 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Questões de gênero e de**

**representação na contemporaneidade**. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, 2010.